



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**ATHAYR ARAUJO PEREIRA JUNIOR**

**A BLITZKRIEG ALEMÃ E A EVOLUÇÃO DA ARTE DA GUERRA**

Palhoça

2010

**ATHAYR ARAUJO PEREIRA JUNIOR**

## **A BLITZKRIEG ALEMÃ E A EVOLUÇÃO DA ARTE DA GUERRA**

Monografia apresentada ao curso de pós- graduação *lato sensu* em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina - *Campus* Unisul Virtual como requisito parcial à obtenção do grau de especialista em História Militar.

**Orientador: Professor Doutor Carlos Roberto C. Daroz.**

Palhoça

2010

**ATHAYR ARAUJO PEREIRA JUNIOR****A BLITZKRIEG ALEMÃ E A EVOLUÇÃO DA ARTE DA GUERRA**

Monografia apresentada ao curso de pós- graduação *lato sensu* em História Militar , da Universidade do Sul de Santa Catarina - *Campus* Unisul Virtual como requisito parcial à obtenção do grau de especialista em História Militar.

Aprovada em, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.....

Orientador

Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof.(<sup>a</sup>)

Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof.(<sup>a</sup>)

Universidade do Sul de Santa Catarina

A Deus por ter me dado a vida, a saúde, a capacidade intelectual e a oportunidade de realizar dois grandes sonhos: ser soldado e historiador.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Orientador Professor Doutor Carlos Daroz meus sinceros agradecimentos pela orientação firme e objetiva na realização deste trabalho.

A minha esposa pela compreensão, apoio e companheirismo nos momentos em que este trabalho foi priorizado.

A todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram para este projeto fosse concluído.

As ações falam mais que as palavras. No futuro, a Deusa da Vitória só concederá os seus lauréis àqueles que se preparam para agir com coragem. (Heinz Guderian).

## A BLITZKRIEG ALEMÃ E A EVOLUÇÃO DA ARTE DA GUERRA.

ATHAYR ARAUJO PEREIRA JUNIOR<sup>1</sup>

**Resumo:** A História Militar e a arte da Guerra dos nossos dias não seria nada sem a contribuição do Exército alemão, principalmente do General Heinz Guderian, homem de visão que conseguiu ao mesmo tempo, estudar, criar, colocar em prática, como executor, das táticas da Blitzkrieg. **Blitzkrieg** (termo alemão para *guerra-relâmpago*) foi uma doutrina militar a nível operacional que consistia em utilizar forças móveis em ataques rápidos e de surpresa, com o intuito de evitar que as forças inimigas tivessem tempo de organizar a defesa. Seus três elementos essenciais eram a o efeito **surpresa**, a **rapidez** da manobra e a **brutalidade** do ataque, e seus objetivos principais eram: a desmoralização do inimigo e a desorganização de suas forças (paralisando seus centros de controle). A Características clássicas da Blitzkrieg: blindados e infantaria extremamente ágeis, com forte apoio aéreo. E esta teoria de combate influenciou toda uma reestruturação militar até os nossos dias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guderian, Blitzkrieg, blindados, apoio aéreo aproximando, Combinação de Armas, mobilidade, surpresa, rapidez, Segunda Guerra Mundial.

**Abstract:** The military History and the War Art in our days won't be nothing without the German Army contribution's mainly by General Heinz Guderian, the vision man that got in the same time, to study, to put in action, like mandatory, the Blitzkrieg tactic's. Blitzkrieg ( German term for lightning war) was a doctrine in the operational level that consisted to use mobile forces in rapid and surprise strikes, with objective to avoid that the enemy forces had time to organized ours defenses. Yours three essentials elements was the effect, surprise and quickness in maneuver and the brutality in the strike, and the your main objective was: enemy demoralization and the disorganization of your forces ( paralyze yours control centers), The classic characteristic of Blitzkrieg: armored cars and infantry extremely agile with strong air support. And this combat theory influenced all military restructuration until our days.

**Key word:** Guderian, Blitzkrieg, Armored car, ground air support, combined arms, mobility, surprise, quickness, Second World War.

---

<sup>1</sup> Bacharel em História – Universidade Salesiana Campus de Lorena-SP

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
1.1	OBJETIVO.....	14
1.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
2	<b>A GENESE DA BLITZKRIEG</b> .....	16
2.1	O TRATADO DE VERSALHES E AS ORIGENS DA GUERRA.....	16
2.2	VON SEECKT E A REESTRUTURAÇÃO DO EXÉRCITO.....	21
2.3	O NASCIMENTO DA BLITZKRIEG.....	23
2.3.1	GUDERIAN, O INOVADOR.....	23
3	<b>O IMPACTO DA BLITZKRIEG</b> .....	29
3.1	POLONIA E AS LIÇÕES APREENDIDAS.....	29
3.2	FRANÇA.....	31
3.3	ÁFRICA E RUSSIA.....	34
3.3.1	ÁFRICA.....	34
3.3.2	RUSSIA.....	34
4	<b>A INFLUÊNCIA NA ARTE DA GUERRA</b> .....	36
4.1	APÓS A II GUERRA ATÉ HOJE.....	36
4.2	BRASIL.....	36
5	<b>CONCLUSÃO</b> .....	44
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47

## 1. INTRODUÇÃO

A História Militar nos convida a desvendar um novo mundo, onde o historiador é um desbravador de novos conhecimentos e tem como grande missão entender este ramo da História e através de pesquisas e de um olhar novo trazer a luz do conhecimento os fatos históricos ocorridos no passado e entender suas repercussões no presente.

A arte da guerra desde sempre sofreu evoluções tanto no modo de fazer a guerra, como em suas táticas, formações, combinações de armas e serviços e também da evolução tecnológica.

Desta maneira os exércitos vêm evoluindo na esteira das evoluções tecnológicas, na introdução de novas formas de combate e na reestruturação das unidades de combate.

Ao estudarmos a História Militar vemos estas evoluções desde os tempos remotos até os dias de hoje, assim podemos citar o exemplo das evoluções dentro do Exército Romano na época da republica, através da reforma de Silas, que reestruturou toda a Legião Romana, bem como suas táticas e treinamento que levou a cidade à beira do Tibre a se tornar um Império que dominou a Europa, o Norte da África e o Oriente Médio.

As evoluções da arte da guerra não pararam de acontecer durante toda a antiguidade, Idade Média, principalmente após a introdução da pólvora e o advento da arma de fogo, Idade Contemporânea, com a Revolução Industrial e as guerras em escala mundial, através das disputas coloniais entre os países europeus, e na Idade Moderna.

Na Idade Moderna tivemos grandes mudanças no campo de batalha fruto da necessária reestruturação das Forças Armadas devido à introdução de novos armamentos, como as primeiras metralhadoras. Exemplificando, lembro da Metralhadora Gatling, introduzida no campo de batalha pelo Exército da União, nos Estados Unidos, no final da Guerra de Secessão. Além da metralhadora houve a introdução de fuzis raiados e de repetição, o que aumentava a precisão do disparo e a distância de engajamento do inimigo, o projétil sem fumaça e em cartucho de lata, dentre outras. Estas foram algumas das evoluções introduzidas no campo de batalha e que forçou os Estados-Maiores dos Exércitos das Grandes Potências a reverem suas táticas de emprego e reestruturar suas unidades de maneira a obter a vantagem tática sobre o inimigo.

A Primeira Guerra Mundial foi um marco para a arte da guerra porque mostrou que as antigas técnicas e táticas somente levaram os beligerantes a uma longa e desgastante guerra de trincheiras, onde o número de baixas fez com que muitos militares que estiveram nesta luta, pudessem refletir a respeito da mesma e as necessidades de mudanças. Neste mesmo conflito

temos algumas novidades táticas e novas armas. Dentre as novas armas temos a introdução do gás, a utilização de aeronaves para ataque (caça e bombardeio) e reconhecimento, a introdução dos blindados pelos aliados ingleses e franceses, a partir da Ofensiva de Cambrai. Na parte das técnicas temos as novas técnicas de levantamento topográfico, que permitiam a maior precisão da Artilharia; e as táticas das tropas de assalto, com a introdução das técnicas de infiltração, por parte dos alemães. Todas estas inovações foram fundamentais para o futuro da arte da guerra para o futuro da guerra.

Cabe ressaltar que duas destas inovações foram de grande importância para o surgimento da Blitzkrieg: a introdução dos Blindados e as técnicas de infiltração utilizadas pelas tropas de assalto alemãs

Com relação aos Blindados sua introdução no campo de batalha, pelos Ingleses na ofensiva de Cambrai em 1916, foi realizado inicialmente com uma finalidade, como nos mostra Jonathan M. House:

“O carro-de-combate foi originalmente desenhado como uma arma especial para resolver uma situação tática não usual: a questão das trincheiras. Potencialmente os primeiros carros-de-combate podiam trazer o poder de fogo da artilharia e das metralhadoras através da imprevisível terra de ninguém e ofereciam mais proteção do que uma unidade de infantaria. Além disso, o propósito desta arma era apoiar a Infantaria a fim de criar uma brecha nas posições defensivas para que a Cavalaria, que estava esperando pela oportunidade desde 1914, para que pudesse explorar o êxito e atingir a retaguarda Alemã.” (**Combinação das Armas. A guerra do Século XX.** Rio de Janeiro. BIBLIEX 2008, pag 63)

Como se pode observar o emprego do blindado foi realizado para poder permitir que a infantaria pudesse avançar de suas linhas, atravessando a terra de ninguém e vencendo os obstáculos de arames antes das trincheiras, sem sofrer as pesadas baixas, tanto dos fogos de artilharia como do tiro direto de fuzis e metralhadoras inimigas. Através da proteção blindada e do fogo das metralhadoras e canhões orgânicos dos carros de combate a infantaria avançava com maior segurança e a Cavalaria podia realizar o aproveitamento do êxito e atacar a retaguarda do inimigo. Outro fator relacionado à utilização do blindado foi o fator psicológico que a sua utilização causou nos defensores alemães, devido à inutilidade das armas individuais e a falta de armas anticarro apropriadas para repelir o ataque dos carros e a desorganização que gerava pela retirada das tropas de suas trincheiras.

Contudo, “os carros de combate eram simplesmente mais uma peça do time ofensivo e não uma arma separada por si só”<sup>1</sup>.

Em relação às tropas de assalto e as técnicas de infiltração elas surgiram como uma necessidade alemã de voltar à ofensiva e de retomar a mobilidade.

Esta tática consistia numa reformulação das táticas de infantaria com a introdução de morteiros leves, lanças-chamas, canhões leves de apoio a infantaria, metralhadoras e fuzil-metralhador, combinadas com um novo conceito de apoio de artilharia introduzido pelo coronel Bruckmuller, que consistia “em um bombardeio cuidadosamente coordenado e curto, porém intenso, projetado para isolar, desmoralizar, e desorganizar os defensores inimigos”<sup>2</sup>

As tropas de assalto e a infantaria convencional eram organizadas como Forças-tarefas de ataque, onde existia uma combinação de todas as armas disponíveis e esta força-tarefa era constituída de 3 a 4 companhias de infantaria e uma de morteiros de trincheira, uma bateria ou meia bateria de artilharia de canhões de 77 mm para apoio aproximando e por um grupo de sapadores.

A tática alemã consistia em um ataque onde o primeiro escalão de assalto contornava os pontos de resistências, procurando penetrar nas posições inimigas em colunas ou em pelotões agrupados pelas ravinas o entre os Postos de Observação. O comandante do 1º escalão não se preocupava com os seus flancos, pois o segundo escalão tinha a missão de eliminar os pontos de resistência.

Todo o treinamento, aliado ao espírito das tropas de assalto e sua doutrina foram bases para que mais tarde, no período entre – guerras, os alemães pudessem com a introdução dos blindados desenvolver as técnicas da Blitzkrieg.

---

1. House, Jonathan M. **Combinação das Armas. A guerra do Século XX**. Rio de Janeiro. BIBLIEX 2008, pag 64

2. House, Jonathan M. **Combinação das Armas. A guerra do Século XX**. Rio de Janeiro. BIBLIEX 2008, pag 72

Assim como estas evoluções ocorreram e continuam a ocorrer no campo da arte da guerra, cabe tentar analisar um assunto que já despertou um grande número de historiadores militares de vários países dentre eles Sir Basil Liddel Hart, John Plinlott, Major-General J.F.C. Fuller, John Keegan, Sean Mcknight, Paolo Battistelli, entre outros que realizaram uma grande produção intelectual abordando a II Guerra Mundial, em especial sobre a reformulação do Exército Alemão e a guerra-relâmpago, a “BLITZKRIEG”.

**Blitzkrieg** (termo alemão para *guerra-relâmpago*) foi uma doutrina militar a nível operacional que consistia em utilizar forças móveis em ataques rápidos e de surpresa, com o intuito de evitar que as forças inimigas tivessem tempo de organizar a defesa. Seus três elementos essenciais eram a o efeito **surpresa**, a **rapidez** da manobra e a **brutalidade** do ataque, e seus objetivos principais eram: a desmoralização do inimigo e a desorganização de suas forças (paralisando seus centros de controle). A Características clássicas da Blitzkrieg: blindados e infantaria extremamente ágeis, com forte apoio aéreo.

A estratégia da *guerra-relâmpago* foi aperfeiçoada pelo general alemão Heinz Guderian no final de década de 1930. O efeito desejado pela guerra-relâmpago só pode ser obtido pela utilização coordenada da infantaria, dos blindados e da aviação, que agem conjuntamente para "perfurar" as linhas inimigas em um ponto de ruptura. Todo "atrito" com as forças inimigas era evitado. Se um foco de resistência era encontrado, era imediatamente cercado, suas comunicações interrompidas (o que dificultava a tomada de decisões e a transmissão de ordens) e o resto das tropas de ataque continuava seu avanço ao interior do campo inimigo o mais rapidamente possível. O foco de resistência era destruído mais tarde, pelas forças de infantaria que seguiam o ataque surpresa. Foi graças a essa tática ofensiva que a Wehrmacht conseguiu vencer os exércitos aliados durante a primeira parte de Segunda Guerra Mundial, principalmente quando da invasão da Polônia, da Dinamarca (Operação Weserübung), da França (com os Países Baixos, Bélgica e Luxemburgo), Iugoslávia, Grécia e da União Soviética (Operação Barbarossa), e também graças ao seu poderio militar superior e ao despreparo das forças armadas dos países invadidos.

Quer na campanha da Polônia, quer a da França duraram pouco mais de um mês: em ambos os casos, colunas maciças de carros de combate romperam através das estáticas linhas inimigas e avançaram profundamente no coração do território dos oponentes, enquanto a força aérea alemã (Luftwaffe) destruía as linhas de comunicação, o poderio aéreo inimigo, as suas indústrias-chave e outros objetivos militares, abrindo caminho para a invasão terrestre. Os resultados foram avassaladores: a Polônia viu aniquilado o seu exército e perdeu a

independência; enquanto para os aliados, no Oeste, foi a humilhante retirada britânica de Dunquerque (Batalha de Dunquerque) e a ocupação da França.

Para melhor fundamentar este assunto citarei alguns autores que com seus trabalhos escreveram sobre o assunto, apesar de existirem muitos outros, todavia estes que estão citados adiante são o que nortearam o presente trabalho de pesquisa:

“O Historiador inglês John Keegan, em seu Livro ‘Uma História da Guerra’ nos diz o seguinte:

“A campanha da Polônia revelou a nova tática para a qual as forças terrestres e aéreas Alemãs estavam equipadas e treinadas. Chamada de Blitzkrieg, “Guerra Relâmpago”, termo de um jornalista, mas bastante descritivo, ela concentrava os tanques das divisões Panzer numa falange ofensiva, apoiada por esquadrões de caças de mergulho agindo como ‘artilharia voadora’ que quando direcionada para um ponto fraco de uma linha de defesa- qualquer ponto era, por definição, fraco diante de tal força- a rompia e perseguia espalhando confusão em sua esteira. A técnica era a mesma introduzida por Epaminondas em Leucta, usada por Alexandre contra Xerxes em Gaugamelos e empregada por Napoleão em Marengo, Austerlitz e Wagram.” (**Uma História da Guerra**. São Paulo. Cia das Letras 2001, pag 381)

Sir Basil Liddel Hart, grande militar e historiador inglês e que também foi um dos pensadores que influenciou o Gen Heinz Guderian na elaboração da teoria da Blitzkrieg, fala sobre o assunto em suas obras, “As Grandes Guerras da História” e “O Outro lado da Colina”, dos quais extraio os seguintes dizeres:

“A conquista da Polônia pelos alemães em 1939 a subsequente invasão da Europa Ocidental, em 1940, comprovam na História Militar a eficiência decisiva da guerra mecanizada de alta velocidade, cuja teoria, concebida na Grã-Bretanha, foi adotada pela Alemanha em grande parte devido aos esforços do General Guderian, criador das forças “panzer” alemãs..... E a técnica aplicada em seu emprego não somente revolucionou a guerra como alterou o curso da História” (**As grandes guerras da História**. São Paulo.IBRASA 1999, pag 289)

E ainda no mesmo livro:

“Na série de rápidas conquistas alemãs, a Força Aérea combinou-se com os elementos mecanizados das Forças Terrestres para determinar uma paralisia e a desintegração moral das Forças Adversárias e das nações que se colocavam por trás delas. O efeito obtido foi terrível e deve ser considerado tão importante quanto o obtido pelas forças “panzer”. Os dois são inseparáveis na apreciação dos elementos que criaram o novo estilo de guerra-relâmpago.” (**As grandes guerras da História**. São Paulo.IBRASA 1999, pag 437).

No livro “O outro lado da colina”, o autor nos diz também:

“As conquistas de Hitler no primeiro ano da guerra introduziram uma tremenda, ainda que temporária, alteração no mapa da Europa. Suas conseqüências mudaram permanentemente o curso da História mundial. Essas transformações que marcaram época devem-se menos a Hitler o que a Guderian, porque foi ele o homem de visão que criou as Forças Blindadas Alemãs, apercebeu-se das potencialidades da penetração estratégica profunda realizada por forças desta natureza de grande mobilidade e as treinou para cumprir tais missões .” (**O outro lado da colina. Rio de Janeiro. BIBLIEX 1992, pag 55**)

Estes autores foram que influenciaram a presente pesquisa e que me fizeram querer entender melhor aquilo que está por detrás de seus trabalhos, aquilo que ainda não disseram e que também foi um elemento contribuinte para o surgimento da Blitzkrieg.

Desta forma, realizar o estudo desta novidade na guerra é de suma importância para entender o que realmente ela foi, sua concepção e no que ela contribuiu para a evolução da Arte da Guerra. Partindo desta análise, verificar o que foi reestruturado nos exércitos do mundo a partir das observações e reflexões destes teóricos sobre o emprego da deste tipo de guerra.

O presente estudo então não tem o propósito de reescrever a História, copiar pensamentos e idéias de outros, mas tem como objetivo analisar se a Blitzkrieg alemã influenciou a arte da guerra, e o seu impacto nos exércitos durante e após a guerra.

Partindo deste objetivo a presente monografia irá abordar a origem da Blitzkrieg, através de uma análise da reestruturação do exército Alemão e dos personagens envolvidos além de uma comparação da situação alemã com a dos outros países europeus, durante este período. Depois será analisada a sua aplicação na campanha da Polônia, as adequações e a posterior campanha da França. Seguindo o trabalho será analisado o que mudou na arte da guerra durante e depois do conflito e as estruturas dos e de suas organizações, tudo isso para chegar uma conclusão que leve a chegar à resposta do problema proposto para o presente estudo.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Analisar se a Blitzkrieg alemã influenciou a arte da guerra, e o seu impacto nos exércitos durante e após a guerra.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar a Blitzkrieg, seu surgimento e implicações para o exercito alemão;
- Conhecer seus idealizadores;
- Analisar suas aplicações em combate;
- Verificar se a mesma teve influência na organização dos Exércitos, durante a e no pós-guerra.

## 1.2 METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como objetivo analisar se a Blitzkrieg alemã influenciou a arte da guerra, e o seu impacto nos exércitos durante e após a guerra.

Para que seja atingido este objetivo será utilizado o método dialético, onde apresenta como

*“princípios dessa concepção a historicidade como condição para a compreensão do conhecimento e a realidade como um processo histórico constituído, a cada momento, por múltiplas determinações, fruto da forças contraditórias existentes no interior de cada realidade. Portanto, sujeito e objeto estão em contínua e dialética formação, evoluem por contradição interna, não de modo determinista, mas como resultado da intervenção humana na prática”.* (Ghedin e Franco, 2008, in Apostila de Relação sujeito-objeto a partir de três modelos teóricos, UNISUL,2010).

Este método foi escolhido, pois o assunto pesquisado é um resultado da intervenção humana na prática, ou seja, é o homem que é o agente produtor, agente e fim do conhecimento.

Para que o tema seja desenvolvido, será feita utilizada uma pesquisa bibliográfica, nos documentos citados na referência bibliográfica, onde possa responder a seguintes perguntas: Como surgiu a Blitzkrieg? O que era a Blizkrieg? Porque a Alemanha foi seu berço? Onde foi testada? Qual a novidade desta teoria? Qual o seu impacto na arte da guerra? Quais as reações que o seu emprego gerou nos exércitos do mundo? Qual a sua influência, na organização dos Exércitos, após a II GM e nos dias de hoje? Na busca das respostas para estas questões estará

centrado todo o presente trabalho, de forma a permitir a análise proposta no problema da pesquisa.

A coleta dos dados para a elaboração do trabalho será obtida, através da pesquisa mencionada acima, fundamentada nas fontes bibliográficas sobre o assunto e que possibilitem a reunião de dados suficientes para a resposta dos quesitos propostos.

Após coletados os dados será, iniciada a análise dos mesmos. Esta será realizada de forma a entender, como era a guerra antes da Blitzkrieg, o que mudou, e se mudou algo no jeito de combater e na organização dos exércitos, após o aparecimento e o emprego desta doutrina e ainda, comprovar através da estrutura organizacional dos exércitos atuais se a mesma, possui influência da presente teoria.

Desta forma, seguindo a presente metodologia pretende-se chegar a uma conclusão que responda ao problema da pesquisa e possa contribuir para um melhor conhecimento da arte da guerra através de entender se a organização e os pensamentos táticos e estratégicos em voga na maioria dos exércitos de hoje, possuem uma raiz nesta teoria que teve um grande impacto no mundo militar em sua época.

## **2. A GENESE DA BLITZKRIEG**

A humilhação sofrida pelos alemães após a derrota na Primeira Guerra Mundial, o Grande Exército Alemão fora praticamente desmobilizado pelo Tratado de Versalhes.

Depois das ofensivas da primavera de 1918, planejada pelo General Ludendorff, Comandante Supremo do Exército Alemão, os aliados reforçados pelos Estados Unidos, foram gradativamente passando para a ofensiva até empurrar os alemães de volta para suas fronteiras. Este acontecimento, somado com a falta de alimentos para a população e o perigo de um avanço comunista no País levou os políticos alemães a destituírem o Kaiser e procurarem a paz com os aliados e assinarem o armistício.

O Exército alemão não se considerou derrotado e voltou para casa em desfiles militares com suas bandeiras ao vento e com a certeza de que podiam vencer os aliados.

Esta confiança estava depositada nestes homens, desde o século XVIII, quando da unificação Alemã, conduzida por Otto von Bismark e depois pelas vitórias na Guerra de 1870, impondo uma grande derrota aos franceses, que lhes rendeu a anexação dos territórios ricos da Alsacia-Lorena. Outro fator era fé em seus comandantes e no grande Estado-Maior Geral, estrutura de comando que em muito impulsionou a vitória dos exércitos Alemães.

### **2.1 O TRATADO DE VERSALHES E AS ORIGENS DA GUERRA**

Os Aliados vencedores tinham o intento de desmobilizar a maior parte do exército Alemão e acabar com o famoso Estado-Maior Geral prevenindo que este não ressurgisse mais.

Assim impuseram aos alemães o Tratado de Versalhes, elaborado pelos aliados Ingleses (Lloyd George), Franceses (Clemenceau) e Americanos (Wilson), que impôs perdas enormes ao povo alemão e principalmente as Forças Armadas. Outro fato mais humilhante para os alemães foi terem que assinar o tratado, no famoso Palácio de Versalhes, antiga sede dos monarcas franceses, local em que 48 anos atrás eles tinham assinado o tratado com os franceses no final da Guerra de 1870, uma vingança da França.

Os militares alemães consideraram o Tratado de Versalhes uma afronta, como nos dizeres do General Heinz Guderian, em seu livro *Actung, Panzer!*

“Os parágrafos da parte V do vergonhoso Tratado de Versalhes forma concebidos no ódio. Não estamos, há muito tempo, sujeitos a eles, mas é bom lembrá-los agora e sempre. O Exército alemão, pelo que eles estabeleceram, ficou pequeno e incapaz de desenvolver. Entretanto, a medida mais restritiva não foi a diminuição numérica ou a obrigação de serviço por 12 anos. Foi a proibição de não ter nenhuma arma moderna”( *Actung, Panzer!* . Rio de Janeiro. BIBLIEX 2009, pag 162).

Pelo tratado os alemães teriam o seu exército reduzido para 100.000 homens, sendo que somente 4.000 poderiam ser oficiais e 96.000 praças, que deveria ser responsável somente para realizar a defesa interna e proibia ainda o exército de possuir reservistas. No tocante ao armamento e ao equipamento, os alemães não poderiam possuir veículos blindados, gás, artilharia pesada, aeronaves de combate a navios de guerra, como os grandes cruzadores e couraçados, as principais belonaves das marinhas da época e reduzindo a marinha alemã a uma guarda costeira.

Além destas restrições os comandantes aliados desmontaram o Estado-Maior Geral, segundo eles, era cérebro do militarismo alemão e fecharam muitas academias e escolas de formação militares, para desta forma introduzir uma grande fraqueza nos alemães deixando-os sem comando.

Os aliados pensaram que reduzindo o poder de combate alemão acabariam com a possibilidade de uma nova guerra e que os alemães totalmente em crise social nunca mais pudessem voltar a lutar. Contudo isto foi o germe da semente da II Guerra Mundial, porque os aliados esqueceram-se do espírito alemão de sempre contra-atacar e somado a isso os alemães não se achavam derrotados, as condições do tratado deixaram os mesmos com mais ódio dos aliados e quando Hitler subiu ao poder encontrou o campo fértil para que sua doutrina levasse a Alemanha a reestruturar suas forças armadas e contra-atacar os aliados e desta maneira recuperar suas perdas com a I Guerra Mundial.

Mas além deste fator somam-se outros que também foram essenciais para causar a guerra, dentre eles podemos citar:

- O Nacionalismo: Uma das causas mais fortes teria sido o nacionalismo, fonte das agressões da Alemanha. Os regimes fascistas existentes à época nestes países foram sendo construídos com base num sentimento nacionalista. Adolf Hitler e o Partido Nazista usaram o sentimento nacionalista, na altura bastante explícita na sociedade alemã, de maneira eficaz.

- A crise político-econômica mundial do período entre-guerras.

- Militarismo.

- Disputas territoriais.

- Primeira Guerra Mundial: Dito pelo então presidente Norte-Americano Woodrow Wilson, como a guerra para acabar com todas as guerras, não acabou sendo bem assim, principalmente para a Alemanha, que buscava meios de se vingar das humilhações sofridas pela derrota. Como disse Winston Churchill, *Essa guerra é, de fato, uma continuação da anterior.*

- Lebensraum: A preocupação primária de Hitler durante esse período foi com a necessidade alemã de Lebensraum, ou seja, espaço vital. Se o país devia passar de nação de segunda categoria para grande potência mundial, necessitava de espaço para se expandir, e se precisava comportar uma população em rápido crescimento e exigindo prosperidade, necessitava de terras para cultivo e matérias-primas para energia e indústria

- Grande Depressão.

- Política de apaziguamento.

- Antissemitismo.

- Polónia: Principalmente, com relação ao "corredor polonês (ou polaco)".

- Revolução Russa e o Anticomunismo.

- Itália: Uma aliança entre a Alemanha e a Itália é um dos objetivos essenciais contidos no Mein Kampf. Os acontecimentos haviam mostrado quão úteis essas duas potências podiam ser uma à outra. A recusa alemã de participar das sanções contra a Itália diminuiu grandemente a eficiência dessas sanções. E agora os dois Estados estavam lutando lado a lado para esmagar o governo republicano da Espanha. E entre o entendimento a respeito da Espanha e a colaboração num âmbito europeu, ia apenas um passo.

Afirma-se, não sem alguma razão, que a Segunda Guerra Mundial foi uma conseqüência lógica da Primeira, por conta do tratamento draconiano que os aliados, sobretudo a França, impuseram à Alemanha. Certamente, as condições do Tratado de Versalhes ajudaram a exacerbar os conflitos políticos, mas não os criaram. Na verdade, o que as potências imperialistas - particularmente a Alemanha, buscava conquistar, com a guerra, era dominar, política e economicamente, continentes inteiros, como etapa preliminar à conquista da hegemonia mundial, mediante a combinação de força militar e superioridade econômica.

Também Hitler tinha uma clara visão sobre os propósitos imperialistas da Alemanha, que tornavam indispensável à guerra contra a União Soviética, pois acreditava que a luta pela hegemonia mundial será decidida, na Europa, pelo domínio do espaço russo. Qualquer idéia de política mundial é ridícula, para a Alemanha, enquanto ela não dominar o continente europeu.

Em resumo, o que estava em jogo na Segunda Guerra Mundial - e, por conseguinte, foi sua causa determinante - era o domínio mundial por uma potência imperialista hegemônica. Ao final do conflito, os Estados Unidos emergiram como líderes incontestes do mundo capitalista, mas seu domínio mundial foi, por algum tempo, contestado por uma potência não capitalista, a URSS. A disputa entre as duas superpotências (Guerra Fria) só se encerraria em 1991.

O autor Eric Hobsbawm em seu livro a “Era dos Extremos, o Breve século XX, 1914 a 1991”, nos ajuda a entender melhor as origens da Guerra. Primeiro ao abordar o sentimento da França e da Inglaterra, que levaram a imposição do Tratado de Versalhes:

“Impos-se a Alemanha uma paz punitiva, justificada pelo argumento de que o Estado era o único responsável pela guerra e todas as suas conseqüências (a cláusula da culpa da guerra), para mante-la permanentemente enfraquecida. Isso foi conseguido não tanto por perdas territoriais, embora a Alsácia-Lorena voltasse à França e uma substancial região no leste da Polônia restaurada (o “Corredor Polonês”, que separava a Prússia oriental do resto da Alemanha), além de alguns ajustes menores nas fronteiras alemãs: essa paz punitiva foi na realidade foi assegurada privando-se a Alemanha de uma Marinha e uma Força Aérea efetivas; limitando-se o exército a 100 mil homens ; impondo –se “reparações”(pagamentos dos custos da guerra incorridos pelos vitoriosos) teoricamente infinitas; pela ocupação militar de parte da Alemanha Ocidental; e, não menos, privando-se a Alemanha de todas as suas antigas colônias no ultramar. (Elas foram redistribuídas entre os britânicos e seus domínios, os franceses, e em menor extensão aos japoneses, mas , em deferência da grande impopularidade do imperialismo, não foram chamadas de “colônias” e sim “mandatos” para assegurar o progresso de povos atrasados, entregues humanitariamente às potências imperiais, que nem sonharia em explorá-los para nenhum outro propósito)”. (Hobsbawm, Eric. “Era dos Extremos, o Breve século XX, 1914 a 1991” São Paulo, Companhia das Letras 1995, pag 41)

Hobsbawm fala que as causas econômicas também existiram, delas podemos ressaltar as perdas das colônias alemãs no Ultramar, e dos territórios na França e da pesada dívida que a Alemanha teve que pagar para a França, que queria através disso recuperar suas perdas com a guerra e manter a Alemanha fraca, contudo isto também contribuiu para o nacionalismo alemão, quando os nazistas subiram ao poder.

“A quantia que a Alemanha tinha que pagar permaneceu vaga, como um compromisso entre a posição dos EUA, que propunham fixar os pagamentos da Alemanha segundo a capacidade de pagar do País, e a de outros aliados, - sobretudo os franceses – que insistiram em recuperar todos os custos da guerra. O objetivo destes, ou pelo menos da França, era de manter a Alemanha fraca e ter um meio de poder pressioná-la. Em 1921, a soma foi fixada em 132 milhões de marcos de ouro, ou seja, 33 bilhões de dólares na época, o que todo mundo sabia ser uma fantasia.” (Hobsbawn, Eric. “Era dos Extremos, o Breve século XX, 1914 a 1991” São Paulo, Companhia das Letras 1995, pag 102”).

Estes fatores, econômicos e políticos, foram importantes para causar a guerra, contudo sem Hitler e sua política nacionalista a guerra não ocorreria, porque foi ele que a quis e usou de todos os meios a sua disposição para que isto ocorresse:

“E, no entanto, se um lado claramente não queria a guerra, e fez o possível para evitá-la, e o outro a glorificava e, no caso de Hitler, sem dúvida a desejava ativamente, nenhum dos agressores queria a guerra que tiveram, quando a tiveram, e contra pelo menos alguns dos inimigos com os quais viram lutando.” (Hobsbawn, Eric. “Era dos Extremos, o Breve século XX, 1914 a 1991” São Paulo, Companhia das Letras 1995, pag 45).

O Tratado de Versalhes e a suas condições, somado aos acontecimentos da crise econômica gerada pela quebra da Bolsa de New York, foram determinantes para que Hitler subisse ao poder na Alemanha em 1933 e junto com seus assessores diretos, levassem a Alemanha a reestruturar suas forças militares e se lançar em projetos mais ambiciosos de comunistas, que somente poderia causar uma guerra. Guerra esta que foi sem precedentes em toda a História da humanidade, tanto em destruição como em vidas humanas.

## 2.2 VON SEECKT E A REESTRUTURAÇÃO DO EXÉRCITO

Após a o tratado de Versalhes, começou a reestruturação do Exército Alemão e o homem responsável por esta tarefa foi o Gen Hans von Seeckt que colocou em prática a idéia de reconstruir o Exército Alemão de uma maneira que rapidamente pudesse aumentar seu efetivo sem com isso diminuir sua eficiência.

Para ele um exército operacional devia ser constituído de soldados profissionais, engajados por um longo período e se possível de voluntários. Então, Seeckt procurou motivar seu exército de 100.000, e fez daquela força de 4.000 oficiais e 96.000 praças um grupo de instrutores que foi capaz de servir de núcleo para a rápida expansão do Exército. Este núcleo foi instruído conforme as novas bases da doutrina militar alemã, de modo a adquirirem espírito profissional e destreza mais intensos que antes da I Guerra Mundial. Ele acreditava que um exército móvel e bem treinado seria capaz de superar um exército de muito maior efetivo, mas sem a mobilidade. Cabe ressaltar que ele, durante a I Guerra Mundial, durante o rompimento de Gorlice, na Polônia contra os russos. Nesta batalha foi introduzido por Seeckt um método de ataque que seria o germe da moderna tática de infiltração, ou seja, lançando as reservas nos pontos fracos do inimigo e penetrando o mais fundo possível, ao invés de atacar em linhas de infantaria uniformemente distribuída no terreno e utilizar as reservas para eliminar as resistências. Com esta crença e aliado com a possibilidade de inovar, Seeckt orientou seus oficiais a criar uma doutrina que priorizasse a mobilidade e criando os equipamentos necessários para colocá-la em prática.

Seeckt dava enorme importância na formação moral de seus soldados, para assim motivá-los a sempre mais superarem as restrições, com honra, amor a Pátria, a moral e a determinação com está descrito no texto de sua proclamação, escrito em 1º de janeiro de 1921:

“O exército do Reich está constituído. Um novo capítulo da História do Exército alemão começa. Ao invés de felicidades pela entrada do novo ano e para os tempos futuros , façamos um juramento solene de permanecermos unidos e devotados à nossa profissão. Conservemos nossas espadas afiadas e reluzentes os nossos escudos.

Confio que o velho sentimento de honra, como sagrado testamento de um grande passado seja mantido e cultuado no novo Exército, individualmente e coletivamente.

A verdadeira honra não pode substituir sem fidelidade até a morte, coragem inabalável, firme decisão, abnegada obediência rigorosa disciplina e espírito de sacrifício, mesmo diante daqueles deveres por mais ínfimos que sejam.

Chamado para a defesa da Pátria, o Exército e, nele cada soldado, deve por ela sentir-se possuído de um amor ardente e, fiel ao seu juramento, empenhar-se até a própria vida no cumprimento do dever.

O Exército é o mais poderoso instrumento de força da Nação. Cada um de seus componentes precisa estar cômico de que, quer no serviço, ou fora dele, é um representante e um agente da força da Nação. Sua apresentação e toda sua vida exterior devem deixar transparecer tal consciência e o sentimento de responsabilidade que daí se origina.

A condição de soldado representa aos olhos do povo um todo, mais que qualquer outra condição. Ações notórias de atitude implacável individuais, elevam com razão, o conceito de que é tida a coletividade; as faltas individuais recaem como um descrédito, sobre toda a classe. Todos, que oficiais, quer soldados, devem sentir-se, sempre representantes do exército, por cujo imaculado conceito são eles os responsáveis.

Possuído de tal noção de honra, de amor à Pátria e de sentimento de responsabilidade, poderá o novo exército competir com o antigo em sua capacidade militar.

E assim tornará um membro vivo e ativo do organismo nacional, mostrando digno de granjear e conservar a atenção, o afeto e o desvelo de todos. O exército deve permanecer assim - e permanecerá - apesar da derrogação do serviço militar obrigatório, um verdadeiro exército popular.

Uma austera disciplina é e continuará sendo a direção fundamental de toda a educação moral militar. Muito mais que as advertências e castigos vale o exemplo. Ser um paradigma do cumprimento do dever e do amor à disciplina é a obrigação sagrada de cada superior.

..... Isso exige a colaboração de todos e a participação dos melhores e mais experientes elementos no trabalhos de conjunto da grande Escola do Exército. Assim atingiremos o nosso fim - o de formar de cada membro do Exército, segundo o caráter, a força de vontade e o saber, um soldado que seja independente, consciente, dedicado, amigo da responsabilidade; que seja, enfim, ao mesmo tempo, um soldado e um chefe - von Seeckt.”

Por esta proclamação vemos como Seeckt chamava seus soldados a responsabilidades e aos valores, que acima de qualquer revolução tática e operacional são os responsáveis para a vitória. Pode um exército ter o melhor equipamento, o melhor armamento, logística impecável, se não tiver homens a altura das exigências para as quais se preparam os exércitos de nada vale e o que vimos no Exército Alemão no período pós-guerra, entre 1919 a 1939 foi a vontade de vencer mesmo contra todas as dificuldades e serem dignos da honra de defender a Pátria mesmo que para isso precisem dar sua própria vida.

Foi com este espírito que o Exército Alemão se preparou e se instruiu nas táticas desenvolvidas para que este novo exército pudesse ser o cerne da recuperação da moral e da auto-estima do povo alemão

Quando Hitler subiu ao poder em 1933, com seus discursos nacionalistas altamente eloqüentes, de valorização do povo alemão contra aqueles que em sua opinião traíram a Alemanha em 1919 e apoiado em uma propaganda astutamente preparada por Gobbells encontrou o solo fértil no coração do povo Alemão, que sofrendo com as restrições de todos

os tipos impostas com a derrota na guerra tomou parte na nova ordem do Terceiro Reich com a sua promessa de vida melhor e novos tempos.

No Exército não foi diferente, e o trabalho que se iniciou com Seeckt e teve continuidade nos comandos subseqüentes permitiu que a estrutura para o rearmamento da Alemanha sonhado por Hitler em seus planos de expansão pudesse ocorrer com o sucesso que foi demonstrado nos anos de 1939 até 1942.

Outro fator a considerar e que Seeckt não permitiu que seus oficiais se envolvessem com a política e afastou o exército deste cenário, o que foi muito ruim, porque longe da discussão política e na participação nas decisões estratégicas do País o que permitiu a absorção dos idéias nazista por parte da tropa até suas ultimas conseqüências.

## **2.3 O NASCIMENTO DA BLITZKRIEG**

A origem da Blitzkrieg está ligada surgimento das Tropas de Assalto Alemãs, a introdução do carro de combate no campo de batalha na I GM e das experiências que os próprios alemães tiveram tanto com os traumas da guerra de trincheiras, como na luta contra os blindados.

Durante o período entre guerras os pensadores militares criaram suas teorias sobre o emprego do blindado em combate e a reestruturação das Forças Armadas a partir desta nova realidade, dentre estes pensadores sobressaíram os trabalhos dos ingleses como: o Major General J.F.C. Fuller, do General Martel, do Cap Basil Liddell Hart entre outros, do Frances Coronel Charles de Gaulle. Aproveitando dos escritos destes pensadores o General Heinz Guderian concebeu toda uma doutrina de utilização de blindados e de mecanização, criando as Divisões Panzer célula mater da Blitzkrieg.

### **2.3.1 O GUDERIAN, O INOVADOR**

Cabe antes de qualquer coisa, lembrar que “é improvável que tais ataques modificadores da situação mundial tivessem sido desencadeados sem Guderian”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Hart, Basil Liddel, *O Outro lado da colina*. Rio de Janeiro. BIBLIEX 1992 pag 55

O General Guderian era da de família de origem militar. Formou-se na Academia de Gross- Lichterfelde em 1907 com notas altas e foi servir na unidade comandada por seu pai, o 10º Batalhão Jaeger hanoveriano unidade formada por soldados que eram ensinados a pensar por si, mover-se rapidamente e também encorajados a inovar. Durante este tempo Guderian foi designado a freqüentar o Curso de Telegrafia sem Fio, que foi um aprendizado fundamental para o seu futuro.

Antes da guerra foi comandar o destacamento de Telégrafo sem fios da 5ª Divisão de Cavalaria. Em 1914 foi matriculado, no curso da Escola Militar de Podstan, escola que formava os oficiais para compor o Estado-Maio Geral, sendo que foi o oficial mais jovem a ser matriculado neste curso, sendo que não concluiu o mesmo pelo inicio da guerra, mas o concluiu em 1917, quando foi convocado para terminar o curso mais desta vez em um enfoque mais prático.

Durante a guerra destacou-se tanto pela sua competência, coragem e determinação, como pela critica a comandantes que levavam a tropa a desastres, o que lhe rendeu transferências de unidades e quando terminou a guerra era oficial de Estado-Maior na Itália.

Após a guerra foi designado para o Freikorps (Guarda de Fronteiras) e designado para os países bálticos.

Por suas qualidades foi designado pelo General von Seeckt, reorganizador do Exército Alemão, para fazer parte do grupo que secretamente formou o Estado-Maior Geral, proscrito pelo tratado de Versalhes, sendo que a sua missão era a modernização do Exército. Guderian passou a estudar tudo o que foi escrito sobre blindados e seu emprego, principalmente os escritos dos teóricos Britânicos como Fuller, Broad, Liddell Hart, Martel, dentre outros e através de sua inteligência e perspicácia, sua experiência com as comunicações e seu espírito inovador, desenvolveu uma filosofia e doutrina de emprego de Forças Mecanizadas que estava à frente dos outros países. Em seus estudos ele se convenceu que “os tanques, empregados isoladamente ou em conjunto com a infantaria, nunca poderiam adquirir importância decisiva. Mas estava convencido que as formações de todas as armas, apoiadas pelo poder aéreo e com adequado suprimento logístico, seriam capazes de desfechar golpes estratégicos de longo alcance capazes de paralisar Nações inteiras. À frente desse tipo de equipes de todas as armas, imaginava comandantes altamente agressivos, que liderariam na frente de combate e não na retaguarda e faziam isto pelo rádio que alcançava todos os veículos de combate.”<sup>2</sup>

---

2. Macksey, Kenneth, in Barnett, Correlli org. **Os Gerais de Hitler**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor 1999, pag 461

Em 1930 Guderian assumiu o comando de um batalhão motorizado nos arredores de Berlim onde pode reorganizar uma de suas subunidades conforme sua concepção de guerra em movimento. Depois em 1931 foi nomeado Chefe de gabinete da Inspetoria Geral das tropas Motorizadas, dirigida pelo General Lutz, que também era simpatizante da doutrina desenvolvida por Guderian e como seu chefe imediato poderia angariar mais simpatizantes para a teoria da mecanização e com isso permitir a alocação de recursos para a formação das Divisões Panzer.

A nova teoria não era aceita pela maioria dos oficiais mais antigos do Exército Alemão, que não acreditavam nas teorias de Guderian e preferiam suas idéias mais ortodoxas. Nem mesmo com a rápida vitória na Polônia os fez mudar de idéia. O mesmo fato aconteceu na França e na Inglaterra, principalmente porque os políticos, achando que o tratado de Versalhes garantiria a paz e ainda estavam na lembrança da maioria as grandes perdas da guerra, passaram a adotar um discurso pacifista e assim reduziram os recursos para as suas Forças Armadas o que prejudicou a mecanização e a formação de unidades blindadas naqueles países e ainda pior, a França apostou em uma organização defensiva construindo uma rede de fortificações na fronteira com a Alemanha chamada Linha Maginot, nome dado em homenagem ao Ministro da Guerra André Maginot, que impediria qualquer nova tentativa alemã de invadir a França pela fronteira entre os dois países.

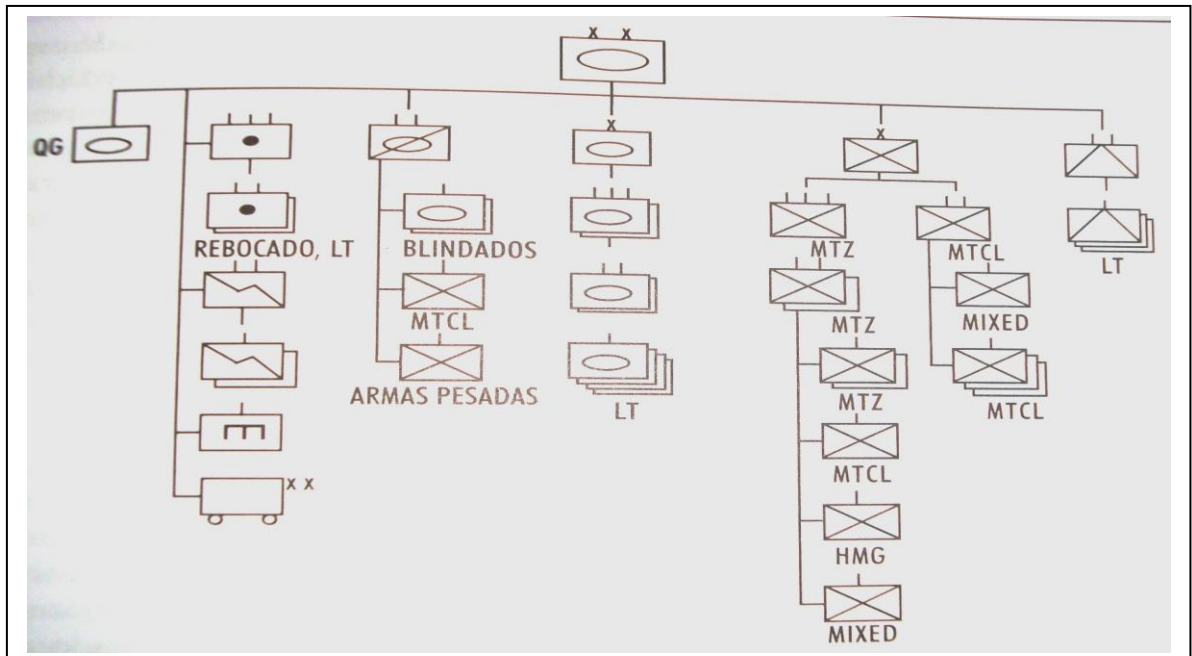
Na Alemanha, Guderian sabendo disto e dotado de um senso de oportunidade a fim de promover suas teorias e passou a apresentá-las de maneira mais receptível, apesar da sua maneira muito franca em manifestar seu pensamento, o que não agradava muitos de seus superiores. Em 1937 lançou seu livro chamado *Achtung, Panzer!*, onde descreve toda a sua teoria sobre a mecanização e a guerra em movimento, que também serviu de propaganda para divulgar suas teorias.

Contudo foi com a subida ao poder de Hitler e dos nazistas que as idéias da Guerra mecanizada e das Divisões Panzer saíram do papel e partiram para a prática, principalmente após as manobras de 1934 em Kummersdorf, onde Hitler ficou muito impressionado com aquilo que viu e proclamou aos seus interlocutores “É o que eu preciso! É isto que eu preciso ter.”<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Keegan John, *Uma História da Guerra*. São Paulo. Cia das Letras 2001, pag 379

A partir deste instante Hitler destinou recursos para a formação das Divisões Panzer, sendo que em 1935, já contava com 3 divisões totalmente equipadas



Constituição da Divisão Panzer Alemã em 1935 (Jonathan M. **Combinação das Armas. A guerra do Século XX.** Rio de Janeiro. BIBLIEX 2008, pag 101')

A Divisão Panzer concebida e organizada por Guderian era constituída da seguinte maneira:

- Companhia de Comando da Divisão;
- 01 Regimento de Artilharia a dois Grupos de Artilharia autopropulsado;
- 01 Batalhão de Transmissões (Comunicações) a 2 Batalhões;
- 01 Companhia de Engenharia;
- 01 Unidade logística da Divisão;
- 01 Batalhão de Cavalaria Blindada;
- 01 Brigada Blindada;
- 01 Brigada de Infantaria Motorizada; e
- 01 Batalhão Anti-carro.

A Brigada Blindada era constituída de dois Regimentos de carros-de-combate, sendo que cada Regimento era constituído por dois Batalhões, cada Batalhão era formado por 5 companhias de carros.

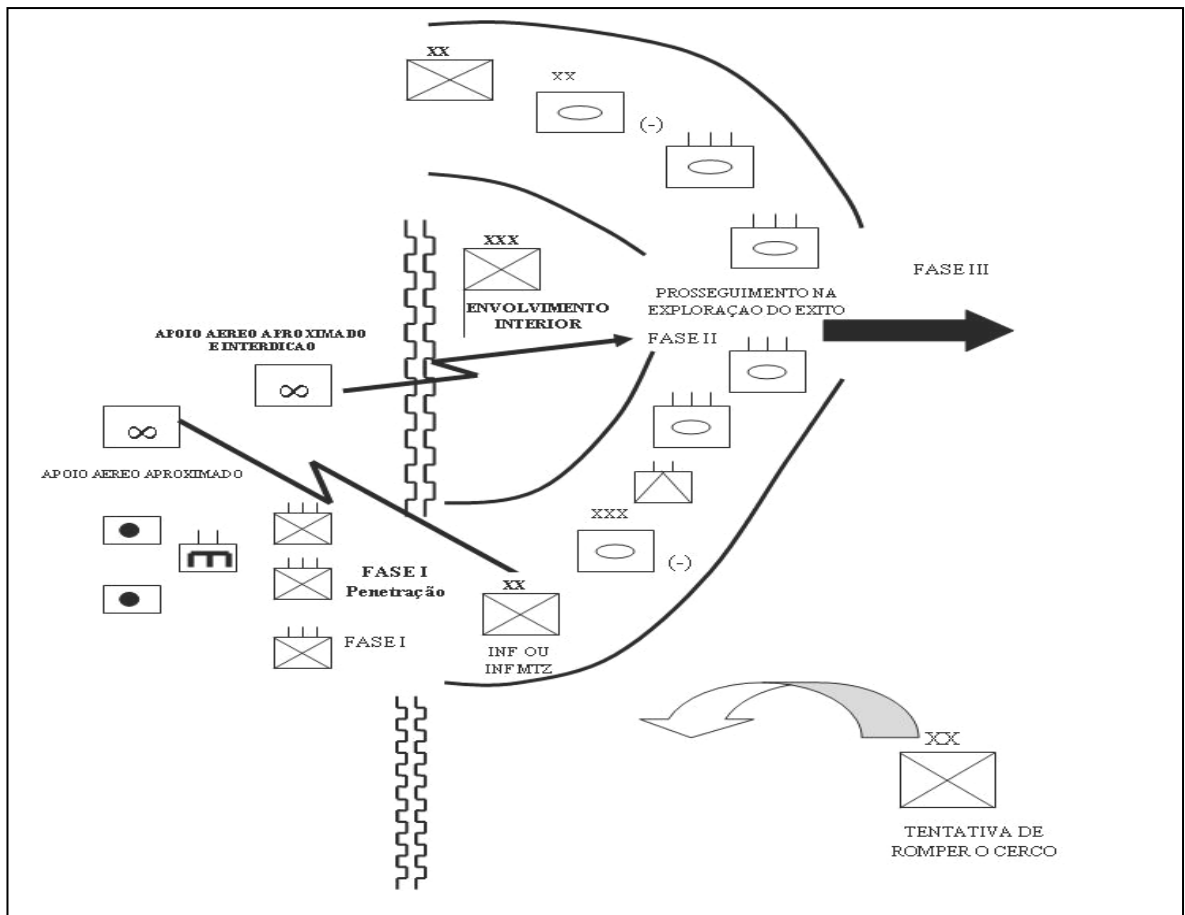
A Brigada de infantaria Motorizada era constituído por 2 Regimentos de Infantaria um motorizado e outro de motociclista. O Regimento de Infantaria motorizado era constituído por 2 Batalhões de Infantaria. Estes por sua vez eram constituído por duas Companhias de Fuzileiros, 1 Companhia de Fuzileiros Motociclistas, 1 Companhia de Metralhadoras pesadas e 1 Companhia de Apoio. O Batalhão de Infantaria Motociclista era formado por 1 Companhia de Apoio e 4 Companhias de Fuzileiros motociclistas

O Batalhão de Cavalaria Blindado era formado por duas Companhias de Blindados Leves de reconhecimento, 1 Companhia de Fuzileiros motociclista e uma Companhia de Armas Pesadas.

O Batalhão Anti-Carro era formado por 3 Companhias Anti-carro.

Esta formação foi pouco mudada durante a campanha da Polônia e dos Países baixos e da França em 1940. Ela foi reformulada para a invasão da Rússia em 1941, quando foi suprimido 1 Batalhão de carros para formar outras divisões Panzer.

Após a formação das Divisões Panzer, o próximo passo era instruí-los na teoria da blitzkrieg.



Esquema da Blitzkrieg

A estratégia alemã combinou dois conceitos tradicionais: “a Manobra Decisiva”, desenvolvida pelo General Prussiano von Moltke em 1850, e “o conceito Guerra em movimento”, conhecido geralmente como Blitzkrieg, conceito proposto por Heinz Guderian no final da década de 20. A Blitzkrieg, “Guerra Relâmpago”, termo de um jornalista, mas bastante descritivo, ela concentrava os tanques das divisões Panzer numa falange ofensiva, apoiada por esquadrões de caças de mergulho agindo como ‘artilharia voadora’ que quando direcionada para um ponto fraco de uma linha de defesa - qualquer ponto era, por definição, fraco diante de tal força- a rompia e perseguia espalhando confusão em sua esteira. A técnica era a mesma introduzida por Epaminondas em Leucta, usada por Alexandre contra Xerxes em Gaugamelos e empregada por Napoleão em Marengo, Austerliyz e Wagram. A Blitzkrieg porém, obteve resultados negados a comandantes anteriores, cuja habilidade de explorar o sucesso no ponto de assalto estava limitada pela resistência e velocidade do cavalo, fosse um instrumento de força ou um meio de levar mensagens e relatórios. O tanque não somente deixava para trás a infantaria, como podia manter um ritmo de avanço de cinquenta, até oitenta quilômetros por hora, desde que suprido de combustível ou peças sobressalentes, ao mesmo tempo que seu aparelho rádio permitia que o Quartel-General receber e transmitir ordens com a mesma velocidade que as operações pedia, um desdobramento que veio a ser conhecido como “tempo real”<sup>4</sup>

Foi com este conceito de forças mecanizadas de alta mobilidade, apoiados pela aviação, realizando apoio aéreo aproximado, comandantes conduzindo seus homens na linha de frente, comunicação rádio em todos os níveis de comando, iniciativa, conhecimento da intenção do comandante, liderança agressiva em todos os níveis, fez com que os alemães, mesmo que em inferioridade numérica e tecnológica, mudasse o curso da História Mundial e Militar.

---

4. Keegan, John - **Uma História da Guerra**. São Paulo. Cia das Letras 2001, pag 381



O Comando das Forças Armadas Alemãs, OKW (Oberkommando der Wehrmacht), por ordens de Hitler conduziu uma guerra de penetração e movimento, apesar de serem contra as idéias de Guderian e desta forma não concentraram as Divisões Panzer e sim as espalharam pelos Corpos de Exército, com exceção do 10º Exército que possuía 2 Divisões Panzer, Duas Divisões de Infantaria motorizada e as suas seis Divisões de Infantaria.

Toda a nova teoria de combate sempre terá óbices quando for colocada em prática e com a Blitzkrieg não foi diferente. Uma pela novidade e outra pelo descrédito de alguns comandantes alemães mais antigos.

O que ficou latente durante a invasão da Polônia foi às necessidades de adaptação das novas técnicas da Guerra em Movimento com as coordenações necessárias entre as diversas armas e entre a Força Blindada e a Força Aérea, dentre os problemas levantados estavam os seguintes aspectos:

- Falta de coordenação entre a artilharia e as forças Panzer, o que levou um atraso no avanço das Forças de Guderian, devido uma barragem mal coordenada;
- Problema nos meios de comunicações que faziam o contato Força Blindada e o Apoio Aéreo, além da falta de experiência entre planejadores do Exército e da Força Aérea no tocante o trabalho conjunto de planejamento e controle sobre o apoio aéreo aproximado;
- A presença dos comandantes de divisão e brigada mais na frente da batalha, o que facilitava nas decisões mais importantes mais rápidas, mas tirava dos comandantes de Regimento e Batalhões sem iniciativa para o comando de suas forças;
- Problemas Logísticos, principalmente os relacionados ao suprimento de peças de reposição e da deficiência na manutenção dos meios mecanizados e blindados;
- Um grande problema foi a deficiência apresentada pelo Panzer I, que era um veículo pensado para o treinamento da tropa, mas que foi colocado como carro base da Força Panzer e que se mostrou muito frágil no seu emprego contínuo no campo de batalha;
- A Alemanha começou a guerra sem que suas forças mecanizadas estivessem preparadas, como exemplo, as forças panzer perderam 218 carros durante a campanha da Polônia, o que representava quase 10% do total de carros de combate alemães contra uma produção mensal de 57 carros o que estava aquém das necessidades das forças em combate; e

Estes fatores levaram os alemães a reestruturar suas forças, através destas lições aprendidas durante a campanha da Polônia, o que permitiu à adequação das divisões panzer as operações, bem como solucionar os problemas apresentados durante a campanha.

Dentre as soluções aplicadas pelos alemães temos a concentração dos carros de combate das divisões panzer em determinados Corpos de Exércitos e não espalhados nas em todos os Exércitos de campanha; a utilização do canhão antiaéreo de 88 mm como arma anti-carro, principalmente contra carros de combates pesados; a adequação das formações das divisões no tocante ao equilíbrio entre as armas levando a formação de forças-tarefas de infantaria e blindados para que os blindados não corressem o risco de se verem sozinhos no campo de batalha e assim alvos fáceis o que ficou claro quando os mesmos foram utilizados em combates de área edificada, onde os alemães perderam 57 carros somente em um dia na tentativa de ocupar um bairro de Varsóvia, o que levou a necessidade do equilíbrio entre carros e infantaria.

Com toda esta experiência as força panzer estavam preparadas para os novos e ambiciosos planos de Hitler

### **3.2 FRANÇA**

A campanha da França demonstrou um total despreparo dos Exércitos franceses e ingleses, que apesar de terem maior quantidade de peças de artilharia, homens e também de carros de combate. Estes carros eram mais blindados e tinham mais poder de fogo que os blindados alemães, contudo eram mais lentos e tinham menor alcance de utilização. Os aliados tinham os melhores teóricos na questão da guerra mecanizada, e foi baseado nestes, dentre os quais temos Liddel Hart, J. F. C. Fuller, Martel, Hobbart e o Francês de Gaulle, que Guderian desenvolveu sua teoria da Blitzkrieg, todavia os governos aliados não deram a devida atenção a eles e não tinham forças mecanizadas e blindadas suficientemente treinadas para a guerra de movimento, e foi isto que aconteceu na campanha da França em 1940

Os alemães depois das lições aprendidas na Polônia reorganizaram suas divisões panzer e seus exércitos para a nova ofensiva.

O Alto Comando Alemão pretendia realizar uma operação igual ao que fizera na I Guerra Mundial, ou seja, uma reedição do Plano Schlieffen e concebeu o Plano Fall Gelb (“caixa amarela”) que previa um ataque através da Bélgica e da Holanda para invadir a França cortando as ligações com o mar ao Norte.

Os Aliados convencidos desta possibilidade prepararam uma plano, sobre a coordenação do Marechal Francês Gamelin, onde iriam de posicionar em uma linha de defesa debruçada no Rio Dyle.

Hitler queria que a ofensiva fosse realizada ainda em 1939, contudo por causa de condições climáticas e o inverno esta ofensiva foi adiada para a primavera. Neste ínterim um avião alemão caiu na Bélgica e nele conduzia um oficial que trazia consigo parte dos planos e estes caíram em mãos dos belgas.

Desta maneira o Alto Comando alemão resolveu ouvir as palavras do Chefe do Estado-Maior do Grupo de Exércitos A, do Marechal Gerd von Rundstedt, o general Erich von Maistein que afirmava que um ataque realizado pelo sul, através da Floresta das Ardenas, atravessando por Sedan traria o resultado esperado. O grupo de Exército A, contava com o VII Corpo de Exército de Rommel e o 19º Corpo Panzer de Guderian.



Esquema de manobra da Invasão da França (Mcknight, Sean in - Holmes Richard, Plimlott John, org. Atlas Hutchinson de Planos de Batalhas. Rio de Janeiro. BIBLIEX 2008, pag 88)

Em 10 de maio de 1940 os alemães iniciaram a ofensiva com um maciço bombardeio da Luftwaffe, que destruiu muito do poder aéreo dos aliados e reduziu o movimento de tropas.

Tropas das Forças Especiais, unidade conhecida como Brandenburg, apoiados por paraquedistas e planadores tomaram posições chaves na Holanda e na Bélgica, como pontes e fortes dentre eles o poderoso Forte Belga de Eben-Emael e o Canal Alberto, assegurando o avanço do Grupo de Exército B, que com ferocidade e velocidade fizeram a Holanda assinar a rendição no dia 14 de maio.

O aliados ao perceberem que os alemães estavam avançando pela Holanda colocarão em execução seus planos e conseguiram deter os alemães na Bélgica, contudo deixaram suas piores forças para segurar sua retaguarda.

Enquanto isso o Grupo de Exército C segurava as forças francesas que guardavam a linha Maginot através de vários ataques dissuasórios, permitindo que aquelas forças não pudessem reforçar as tropas na Bélgica.

O Grupo de Exército A moveu-se pelas Ardenas e no dia 12 conquistou a margem do Rio Meuse. Os aliados acreditaram que este era um ataque secundário, pois o Rio Meuse era um obstáculo considerável, mas os Alemães no dia seguinte atravessaram o Rio e romperam a Linha defensiva aliada em Sedan, que era defendida por tropas de terceira classe e com armamentos obsoletos.

Guderian e seu 19º Corpo de Exército conquistou Sedan e partiu com o apoio de mais duas divisões ao Norte para o canal e com isso cercar o inimigo e destruí-lo, fato que não ocorreu pois Hitler em uma decisão até hoje sem explicação para os historiadores, ordenou que Guderian realizasse uma parada nas operações, que durou dois dias o que permitiu que os aliados realizassem o Famoso resgate de Dunquerque, retirando os exércitos aliados da França.

Após isto, em 5 de junho os alemães se voltaram para o sul e em 12 de junho os alemães adentraram em Paris, sendo que em 22 de junho o Marechal Petain assinou o Armistício com a Alemanha admitindo a derrota.

A Alemanha agora dominava toda a Europa, e suas vitórias se deu pelo estrondoso poder da Guerra em movimento e das forças panzer, além do despreparo dos aliados para enfrentar tal guerra, levando o General Guderian a dizer:

“As mais altas lideranças francesas não puderam ou não quiseram compreender o significado do carro-de combate na guerra de movimento”( Mcknight, Sean in - Holmes Richard, Plimlott John, org. **Atlas Hutchinson de Planos de Batalhas**. Rio de Janeiro. BIBLIEX 2008 pag 84)

### **3.3 AFRICA E URSS**

Após o colapso da França a Alemanha lançou mais duas grandes ofensivas expansionistas uma no Norte da África e outra na URSS.

#### **3.3.1 A BLITZKRIEG NA AFRICA**

Na Campanha do Norte da África os Alemães mandaram um dos seus mais famosos generais Erwin Rommel que com seu Afrika Korps, infligiu derrotas aos Britânicos e seus aliados, mas com a abertura da frente na URSS, Rommel não contou com a prioridade de suprimentos necessários, o que levou a sua derrota em El Alamein, a partir daí os aliados adquiriram a coragem e a confiança necessárias para a vitória final nesta campanha.

Destaca-se que durante a fase inicial desta campanha os alemães conseguiram enormes vitórias sobre os aliados quase levando os mesmos a um colapso. Em dezembro de 1941, os americanos entram na guerra após o ataque japonês em Pearl Harbor, trazendo uma nova força para o lado aliado.

Os americanos ao entrarem na guerra também foram derrotados pelos alemães na Batalha do Passo de Kasserine, a última vitória do Afrika Korps de Rommel. Com o reforço dos Americanos os britânicos sobre o comando do Marechal Bernard Law Montgomery, e que já contava com tropas mecanizadas treinadas para a guerra de movimento realizaram um contra-golpe. Juntos Britânicos e Americanos realizaram ofensivas que somando a falta de suprimentos e meios levaram o colapso dos alemães e a sua derrota.

Nesta campanha teve participação destacada um grande admirador e estudioso da doutrina de Guderian, o General americano George Patton, que foi um grande ícone do estudo do combate mecanizado nos EUA.

#### **3.3.2 URSS**

Alemanha e URSS eram aliados, mas Hitler não se esquecera do colapso no final da I Guerra, realizado na Alemanha pelos comunistas. Hitler e Stalin tinham um Tratado de não agressão, e foi aproveitando-se disso que Hitler preparou sua invasão a URSS, que seria conhecida como Operação Barbarossa.

É importante ressaltar que foi com o consentimento da URSS, que os alemães realizaram seus primeiros treinamentos do que seria o núcleo das futuras Divisões Panzer, em 1930 a 1933, na Região de Kazan na atual Ucrânia.

A invasão da Rússia em 1941 foi o auge da Blitzkrieg alemã e, especialmente, da tática do envolvimento.

Para a campanha da Rússia Hitler realizou uma reorganização nas divisões panzer extinguindo um regimento de blindados e criando com estes novas divisões, enfraquecendo o poder de combate das mesmas.

Liddel Hart em seu livro “O Outro lado da Colina” relata este fato em entrevista realizada com um general alemão von Thoma, prisioneiro após a guerra e discípulo de Guderian:

“Thoma então me falou da reorganização das forças blindadas alemãs levada a efeito antes da Campanha da Rússia e tornou claro que considerava um grande erro.” Cada divisão Blindada perdeu um dos seus dois regimentos de carros, a fim de que fossem organizadas outras, num total de vinte. Não concordava com esta decisão e protestei junto a Hitler, pois ele sempre se interessava com as questões técnicas.” Thoma argumentava que o resultado no balanço final seria desvantajoso, dado significar duplicação do número de Estados-Maiores e elementos de apoio, sem um efetivo aumento especialidade blindada” (**O outro lado da colina. Rio de Janeiro. BIBLIEX 1992, pag 111**)

A campanha da Rússia foi bem sucedida como na França e na Polônia, devido à experiência das forças panzer e do emprego Blitzkrieg e também pelo despreparo do Exército Soviético. Tal fato ocorreu devido ao expurgo de Stalin que executou a maioria dos oficiais russos que eram experientes e teóricos na guerra mecanizada, o que facilitou o trabalho alemão, pois os russos não tinham comandantes especializados para barrarem o avanço alemão.

A estratégia alemã estava direcionada em conquistar objetivos políticos como as cidades de Leningrado (atual São Petesburgo), Moscou e Stalingrado (atual Volgogrado). Nesta última começou a derrocada do Exército Alemão na campanha da Rússia, tanto pela perda do VI Exército de Paulus, com a perda da iniciativa, passando os russos para o contra-ataque. Os alemães tentaram uma nova ofensiva no verão de 1943, para estabelecer novamente a iniciativa na Frente Leste. Mas a ofensiva de Kursk, denominada Operação Citadel levou os alemães a perderem grande parte de seus meios blindados e passaram para a defensiva, não mais tendo meios e tropas para novas ofensivas, ainda mais após a invasão da Itália pelos aliados.

Na campanha da Rússia os alemães enfrentaram o melhor tanque produzido até em comparação com os de hoje o T-34, carro que sobrepujava a maioria dos carros alemães mesmos os famosos Tiger e Panter. Isso de seu porque os alemães não conseguiram destruir a indústria Russa, que estrategicamente foi transferida para além dos Montes Urais, longe do alcance da aviação alemã e assim pode produzir o material necessário para o esforço de guerra.

## 4. A INFLUÊNCIA NA ARTE DA GUERRA

### 4.1 APÓS A II GUERRA ATÉ HOJE

Após a II Guerra Mundial e a derrota alemã ficaram os ensinamentos e as lições aprendidas deste conflito. Até certo ponto, a experiência do Exército alemão neste conflito refletiu a evolução de todos os exércitos na Segunda Guerra Mundial e após o conflito.

Todos os exércitos das grandes potências começaram a se adaptar a guerra de movimento desenvolvendo grandes estruturas mecanizadas para apoiar a infantaria em suas operações. Os Exércitos Americano e Britânico passaram utilizar intensamente o poder aéreo, combinado com veículos blindados e helicópteros suas operações.

Durante a Guerra Fria, período que vai de 1946 até 1990, com a queda do Muro de Berlim. Os dois grandes blocos formados pelos países capitalista signatários do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e os comunistas, do Pacto de Varsóvia, temiam uma Guerra Nuclear e uma invasão no estilo Blitzkrieg. Desta forma, começaram a trabalhar em formar pesadas formações blindadas para sobreviver e aproveitar o êxito de um ataque nuclear ou mesmo sem ele e pensar a possibilidade de um extenso conflito mecanizado de armas combinadas.

Mesmo neste período tivemos alguns conflitos de expressão como a Guerra da Coreia e a guerra do Vietnã. Em ambas tivemos um conflito limitado onde os americanos não puderam utilizar suas formações blindadas ao estilo da blitzkrieg, devido ao terreno muito compactado da Coreia, que limitava os movimentos e no Vietnã devido aos rios caudalosos e a floresta tropical que dificultavam a movimentação blindada.

A blitzkrieg também influenciou os combates entre árabes e israelenses nas Guerras do Yom Kippur e a dos Seis Dias, onde o Exército Israelense sob a Liderança de seu mais carismático comandantes de todos os tempos, o general Moses Dayan, aplicaram com sucesso as técnicas de ataques conduzidos por forças-tarefas de tropas israelenses – infantaria e carros-de-combate. Conscientemente ou não ao utilizar a combinação de carros de combate, e caças-bombardeiro para suas vitórias, os israelenses fizeram eco aos sucessos da blitzkrieg nas suas vitórias iniciais.

Recentemente durante a I e II Guerra do Golfo o princípio da "blitzkrieg" foi usado pelas forças aliadas sob o comando do general norte-americano Norman Schwarzkopf para alcançar uma rápida vitória sobre o Iraque de Saddam Hussein em 1991 na Guerra do Golfo, e na Invasão do Iraque de 2003 pelo general Tommy Franks.

Os americanos após a guerra do Vietnã, criaram estruturas para a guerra mecanizada para a guerra em movimento apoiados por aviões criados especialmente para o apoio aéreo aproximado, com o A-10 Warhog, um avião montado em cima de um canhão 30 mm giratório de seis canos e que utiliza munição especial contra blindagem e mísseis anti-tanque, além desta aeronave também tem os helicópteros Apache, Kaiowa e Cobra que realizam este apoio as forças mecanizadas. Este apoio pode ser visto em pratica nas duas Guerras do Iraque, onde estas aeronaves contribuíram para a destruição das forcas blindadas de Saddam Hussein, principalmente utilizando-se de ataques noturnos utilizando óculos de visão Noturna.

## 4.2 NO BRASIL

Também o Exército Brasileiro deu importância a guerra em movimento, e isto está implícito nos nossos manuais doutrinários e na organização das nossas forças blindadas.

No manual C 2-1 “Emprego da Cavalaria” do Estado-Maior do Exército nos fala do Combate moderno da seguinte maneira:

“No século XX, fez com que surgisse, nos campos de batalha, um novo tipo de combate, que se convencionou chamar de “combate moderno“, caracterizado pelo(a):

- a. maior mobilidade das forças no campo de batalha;
- b. maior necessidade de informações e segurança;
- c. maior rapidez das operações;
- d. sincronização das ações;
- e. combate continuado;
- f. frentes não-lineares;
- g. utilização de armamentos e equipamentos modernos, de alto desempenho, mais leves e eficientes;
- h. exigência de maior liderança, iniciativa, agilidade, sincronização e capacidade de gerenciamento de informações pelos comandantes em todos os níveis;
- i. uso intensivo da guerra eletrônica e a conseqüente limitação de emprego dos meios de comunicações;
- j. consolidação do conceito de forças-tarefas, fundamental para assegurar a vitória no combate.” “(Estado-Maior do Exército. **C 2-1 Emprego da Cavalaria**, pag 1-3)

Vemos, que em muitos destes quesitos do combate moderno, estão influenciadas as Blitzkrieg Alemã como o combate continuado, liderança conceito de Forças-tarefas, dentre outras.

Também no Manual doutrinário C 100- 5 “Operações”, temos implícito o conceito de Guerra de movimento, transcrito a seguir e que traduz para os dias de hoje aquilo que Guderian colocou em prática com suas divisões panzer:

“**a.** O perfil dos prováveis conflitos em Áreas Operacionais do Continente (AOC) condiciona a formulação de um conceito operacional básico: a “Guerra de Movimento”. Este conceito preconiza a busca da decisão da batalha terrestre por meio de ações ofensivas extremamente rápidas e profundas, convenientemente apoiadas, orientadas sobre segmentos vulneráveis do dispositivo do inimigo e conduzidas a cavaleiro dos eixos disponíveis, em frentes amplas e descontínuas; o quadro tático resultante distingue-se por um grande dinamismo, pela importância da obtenção da surpresa, pela descentralização das operações e, finalmente, pelo caráter fundamental da iniciativa, em todos os níveis de comando.

**b.** A conquista da iniciativa obrigará o inimigo a reagir às ações numa seqüência de decisões cada vez mais desordenadas e deficientes. A pressão constante sobre as forças inimigas, impedindo-as de se reorganizar e de apresentar qualquer forma de resistência, tem sido o objetivo dos exércitos modernos.

**c.** O conceito “Guerra de Movimento” permite a derivação dos conceitos operacionais de menor abrangência que a seguir se discriminam e que devem reger, concretamente, a execução do combate:

(1) Ação desbordante ou de flanco

(a) As operações ofensivas devem ser conduzidas de forma a obter-se, o mais cedo possível, o desequilíbrio físico e psicológico do oponente, como condição indispensável à sua posterior destruição, com um mínimo de desgaste para a força atacante.

(b) As ações principais devem evitar as linhas de maior expectativa, a cavaleiro das quais se concentre o grosso do poder de combate do defensor, e incidir sobre regiões cuja posse dificulte a execução do combate defensivo em profundidade por parte do inimigo, paralise seu sistema de comunicações e de comando e interrompa seus eixos de suprimento e seus itinerários de retraimento. Sob tais circunstâncias, o inimigo é conduzido a um dilema: tentar abrir um corredor de retraimento a viva força, conduzindo, sob pressão, um avanço desequilibrado sobre uma sólida posição de bloqueio, ou destacar parcelas importantes de seu poder de combate para fazer face à ameaça, correndo o risco de ser batido por partes.

(c) Quando for inevitável a progressão inicial através de setores densamente defendidos, as ações principais devem ameaçar, em profundidade, objetivos alternativos que, em mãos do atacante, comprometem a integridade do dispositivo defensivo. Desta forma, torna-se difícil para o inimigo emassar suas reservas a cavaleiro de uma única direção. Nesta situação, a execução de uma operação aeromóvel sobre um objetivo em profundidade pode levar o inimigo à situação desvantajosa descrita no subitem anterior e facilitar a progressão do escalão de ataque.

(d) Após o rompimento da posição da tropa inimiga empenhada (tropas em contato e suas reservas imediatas), somente circunstâncias excepcionais justificam a incidência frontal das ações principais sobre uma região do terreno fortemente defendida, mesmo que esta última configure o objetivo decisivo da força considerada. O comando atacante deve buscar, pela manobra, tornar insustentável a resistência inimiga na mencionada região.

(e) O presente conceito operacional vincula-se, estreitamente, aos princípios de guerra: manobra, surpresa e objetivo.

#### (2) Iniciativa

(a) O ritmo intenso das operações, seu caráter descentralizado e os amplos espaços em que se desenvolvem, além de limitações eventuais dos meios de comunicações, exigem que os comandos de todos os níveis exercitem um alto grau de iniciativa. Cada comandante, conhecendo precisamente a idéia de manobra do escalão superior, deve ser capaz de solucionar os problemas táticos locais, à luz de seu próprio critério.

(b) Sempre que possível, as missões devem ser atribuídas pela finalidade, tendo-se em vista direcionar os esforços dos escalões subordinados para a obtenção de condições favoráveis à manobra da força como um todo.

(c) Este conceito operacional decorre, basicamente, do princípio de guerra: objetivo.

#### (3) Seleção de Frente

(a) Os amplos espaços em que são conduzidas as operações impõem, normalmente, o emprego da maioria de meios do atacante em uma frente na qual se procura obter a decisão, conduzindo-se ações secundárias nos setores não selecionados.

(b) Constitui, no entanto, fator fundamental o emprego modular das peças de manobra de valor unidade, as quais devem receber frentes compatíveis com suas possibilidades orgânicas, em termos de fogo e de movimento. Os maiores riscos serão admitidos pelos escalões Divisão de Exército e superiores.

(c) Este conceito operacional resulta, particularmente, dos princípios de guerra: massa e economia de forças.

#### (4) Flexibilidade

(a) O planejamento das operações deve incluir alternativas em face de contingências do combate, permitindo a intervenção oportuna do comando, no sentido de aproveitar um sucesso tático inesperado ou de fazer reverter a seu favor o curso da batalha.

(b) A formulação de hipóteses previsíveis, para fins de planejamento, e a preservação de uma reserva tão potente e móvel quanto possível contribuem para um considerável incremento da flexibilidade, ao longo da execução do combate.

(c) Em curso de operações ofensivas, o comando da força deve estar preparado para, se necessário, modificar radicalmente seu esquema de manobra original, alterando direções de emprego e objetivos de suas ações principais, no sentido de aproveitar, sempre, as linhas de menor resistência à progressão.

(d) A flexibilidade reside, ainda, na agilidade mental, na criatividade e na capacidade de improvisação dos comandos em todos os níveis.

(e) Este conceito operacional realça a observância dos princípios de guerra: manobra, massa, segurança e ofensiva.

#### (5) Dissimulação

(a) As medidas de dissimulação tática, como fintas, demonstrações e a dissimulação eletrônica, convenientemente complementadas pelo emprego da camuflagem e de fumígenos, têm como finalidade básica iludir o inimigo e dificultar-lhe a condução de fogos, induzindo-o a dispersar seus meios ou a orientar, de forma inadequada, suas ações principais.

(b) A dissimulação é indispensável à preservação da integridade da força e permite, freqüentemente, que se criem ou se acentuem vulnerabilidades no dispositivo do oponente.

(c) Medidas de dissimulação proporcionais aos meios disponíveis devem constituir parte integrante dos esquemas de manobra de todos os escalões, quaisquer que sejam a atitude e o tipo de operação em curso.

(d) Este conceito operacional materializa, principalmente, a aplicação dos princípios de guerra: surpresa e segurança.

#### (6) Ação Tridimensional

(a) O largo emprego de aeronaves de asa rotativa e de asa fixa orientadas para a ação contra as tropas terrestres, utilizando-se, basicamente, da faixa inferior do espaço aéreo, aliado ao tradicional emprego das forças aéreas, tornaram o campo de batalha moderno acentuadamente tridimensional.

(b) A coordenação do uso do espaço aéreo do campo de batalha é requisito fundamental para o emprego de uma força terrestre, não só por um imperativo de segurança, como também pelo acréscimo de uma nova dimensão à manobra. Este assunto será abordado no Art III deste capítulo.

(c) Operações aeroterrestres e aeromóveis constituem o complemento indispensável à atuação de uma força de superfície, conferindo-lhe a capacidade de progredir sobre objetivos profundos, em ritmo intenso e constante, e permitindo-lhe obter, a curto prazo, o total desequilíbrio do oponente.

(d) Nos menores escalões, a disponibilidade de helicópteros de manobra e de reconhecimento e ataque permite um acréscimo às respectivas áreas de influência, proporcional ao conseqüente incremento da mobilidade e da potência de fogo.

(e) Este conceito confere particular ênfase aos princípios de guerra: manobra, surpresa e ofensiva.

#### (7) Ação em Profundidade

(a) Em operações ofensivas, os êxitos iniciais devem ser aproveitados instantaneamente e na maior profundidade possível, com a finalidade de acentuar o desequilíbrio inicial do inimigo, restringindo-lhe a capacidade de reagir, cerceando-lhe a liberdade de ação e comprometendo sua vontade de lutar.

(b) Operações móveis, profundas e ininterruptas produzem, com frequência, por meio de uma pressão constante e potente, o colapso material e anímico do inimigo, reduzindo-o à inação e tornando iminente sua destruição.

(c) O combate em profundidade compreende as operações de interdição, visando ao isolamento do campo de batalha, o que não permite ao inimigo concretizar suas possibilidades de reforço em tempo útil e permite batê-lo por partes. Entre outros meios empregados para esse fim, citam-se a guerra eletrônica, a busca de alvos, os fogos de longo alcance, o fogo aéreo, as ações de forças especiais, de comandos e de guerrilhas, além das incursões profundas de elementos altamente móveis e das operações aeromóveis e aeroterrestres.

(d) Os alvos típicos do combate em profundidade são o sistema de comando e controle inimigo, suas instalações logísticas, meios de apoio de fogo, eixos de suprimento e evacuação, ou objetivos no terreno que caracterizem o isolamento do campo de batalha, impedindo que o inimigo reforce a tropa isolada ou que a mesma retraia para novas posições mais à retaguarda.

(e) Este conceito realça a aplicação dos princípios de guerra: ofensiva e objetivo.

#### (8) Combate Eletrônico

(a) O controle do espaço eletromagnético, permitindo o seu uso adequado pelas forças amigas, constitui fator de multiplicação do poder de combate, conferindo maior liberdade de ação à força terrestre, implementando sua capacidade de atuar ofensivamente com rapidez e em profundidade e proporcionando maior flexibilidade, segurança e dinamismo às ações defensivas.

(b) A obtenção de informações, por meio do emprego de medidas eletrônicas de apoio, deve iniciar-se mesmo antes da deflagração das hostilidades, prosseguindo, num processo contínuo, durante todo o ciclo de operações, com vistas a revelar o mais cedo possível as intenções do inimigo, seu dispositivo, suas possibilidades, limitações e vulnerabilidades.

(c) A utilização de contramedidas eletrônicas ativas constitui importante meio de intervenção no combate. A decisão oportuna de emprego da interferência produz degradação sensível nos sistemas eletrônicos de

vigilância, de armas e de comando e controle do inimigo, em momentos decisivos da batalha. Por outro lado, o uso da dissimulação eletrônica, dentro do esforço integrado preconizado no Plano de Dissimulação da força, concorre de forma proeminente, para a obtenção dos efeitos desejados na aplicação dessas ações.

(d) Ações de contra-contramedidas eletrônicas convenientemente aplicadas e o uso de contramedidas eletrônicas passivas reforçam a nossa capacidade de manobrar com rapidez e segurança.

(e) Este conceito operacional evidencia a aplicação dos princípios de guerra: manobra, surpresa, ofensiva e segurança.

#### (9) Risco

(a) O risco é inerente à guerra e deve ser aceito pelos comandos de todos os níveis, sempre que o cumprimento da missão o exija ou a transcendência do êxito esperado o justifique.

(b) É necessário, entretanto, que o grau de risco que se pretende assumir seja avaliado, em toda a sua extensão, no sentido de que, em caso de insucesso, o comando disponha de alternativas para preservar a integridade da força.

(c) Este conceito vincula-se aos princípios de guerra: objetivo e segurança.

(10) Combate Continuado

(a) O desenvolvimento tecnológico, aliado à rápida evolução das técnicas e táticas de combate, do apoio logístico e do apoio ao combate, permitem que as operações prossigam durante a noite com ritmo e intensidade semelhantes as conseguidas durante o dia.

(b) A continuidade da operação deverá ser assegurada mediante a ampla utilização do combate noturno, do ataque de oportunidade e da guerra de movimento.

(c) Essas características podem exigir uma reorganização temporária na estrutura e equipamento das forças que forem realizar este tipo de combate, além de evidenciarem a necessidade de adestramento específico.

(d) Este conceito confere particular ênfase aos princípios de guerra: objetivo, surpresa e ofensiva.

(11) Combate não linear

(a) O combate moderno deixou de ser realizado apenas no compartimento de contato. Ele ocorre ao mesmo tempo no compartimento de contato, na área de segurança e na retaguarda. Caracteriza-se, portanto, pela não linearidade. Deste modo, o comandante preocupa-se não apenas com o combate aproximado, mas também com as ações profundas que pode realizar, mediante operações aeromóveis e com blindados, aplicação de fogos maciços em profundidade, infiltrações e incursões, ações essas que desequilibram todo o dispositivo inimigo, forçam-no a lutar em mais de uma direção e o isolam de seus apoios e reforços, além de ter que conservar em reserva forças potentes e móveis para fazer face às ameaças à sua retaguarda.

(b) O combate a cavaleiro dos eixos rodoviários, comum na guerra de movimento, leva à aceitação de brechas entre as posições ocupadas pelas tropas. Essas brechas, muitas vezes apenas vigiadas, aumentam a não linearidade do combate, criando, no dispositivo mais fluido das forças, vulnerabilidades que, devidamente exploradas, podem levar à decisão mais rápida do combate. É o ambiente favorável às manobras de flanco, às incursões profundas e à infiltração de tropas no dispositivo inimigo.

(c) Este conceito realça a observância dos princípios de guerra: manobra e surpresa.

(12) Letalidade

(a) Os sistemas de armas modernos, extremamente precisos e apoiados em avançadas tecnologias, aliados a uma capacidade de “ver” melhor por meio dos radares, equipamentos de visão noturna, veículos aéreos não tripulados e satélites propiciaram ao combate moderno a característica de extrema letalidade.

(b) Vincula-se ao princípio de guerra da ofensiva. “(Estado-Maior do Exército. **C 100-5 Operações**, pag 4-6 a 4-12)

A citação acima, embora extensa, nos dá a devida importância que a Força Terrestre Brasileira, através do seu Alto Comando dá a Guerra em movimento e estabelece conceitos atualizados de lições aprendidas na II Guerra Mundial, que permanecem até hoje e que influenciam até a atual reorganização das nossas Forças Blindadas, como mudança de sede de várias Organizações Militares, Modernização do Centro de Instrução de Blindados, para ser escola de disseminação de modernos conceitos e doutrinas e da modernização nos nossos meios de combate blindado com a aquisição dos modernos carros-de-combate Leopard 1A5 BR e a repotencialização das nossas Viaturas Blindadas de transporte de tropa M-113.

Assim vemos que a Blitzkrieg, colocada em prática pelos alemães na II Grande Guerra, continua influenciando as operações militares nos dias de hoje e a arte da Guerra, mesmo passados sessenta e um anos de sua execução na Polônia.

## 5 CONCLUSÃO

O Objetivo deste trabalho é analisar se a Blitzkrieg alemã influenciou a arte da guerra, e o seu impacto nos exércitos durante e após a guerra.

O que se pode concluir através deste trabalho é que a Blitzkrieg influenciou a arte da guerra desde a sua execução na Polônia, como nas campanhas da França e na Rússia e continuou até os dias de hoje repercutindo no pensamento dos teóricos militares na organização dos Exércitos.

Percebe-se também que a Alemanha não foi à idealizadora da teoria do combate de blindados, contudo foram os alemães, através da determinação de Guderian, aproveitando dos trabalhos teóricos dos Britânicos e franceses que a colocou em prática. Deve-se entender que a necessidade de Hitler de encontrar uma nova arma e uma estratégia para poder colocar em prática suas políticas expansionistas, é que o fizeram apostar na blitzkrieg e ordenar a colocação, em prática, desta doutrina militar de combate, que trouxe os resultados que já estudamos.

É bem verdade que por fatores políticos e filosóficos é que outras Nações, como Inglaterra e França, não colocaram em prática os estudos desenvolvidos em seus países e que foi à mola propulsora para Guderian propor e organizar suas forças Blindadas. Há de se ressaltar que na campanha da França em 1940 a quantidade de Blindados aliados era maior que a dos alemães, contudo foi o treinamento para a Blitzkrieg que fez a diferença para o resultado final.

Hoje temos a maioria dos exércitos do mundo baseados na mecanização e nas Forças Blindadas, além de Forças Aéreas capacitadas para o apoio aéreo aproximado, conceitos implementados pelos alemães com sua Blitzkrieg.

Outro fator que aponto como grande viabilizador do resultado da Blitzkrieg, foi o sistema Militar Alemão, cuja disciplina, sistema de comando, sistema de ensino militar e coragem de seus soldados foram determinantes para a organização das Tropas de Assalto (Stormtrooper), na 1ª Guerra Mundial, que foi um embrião da Blitzkrieg e que facilitou sobremaneira o entendimento do exército na assimilação dos conceitos da guerra de movimento.

A reorganização do Exército Alemão realizada por von Seeckt, que privilegiou a Formação de instrutores , Oficiais e Sargentos, e a mentalidade de um Exército profissional, altamente motivado e adestrado é também um fator do sucesso da Blitzkrieg e ressoa para nós nos dias de hoje, como exemplo para uma organização de Forças Armadas comprometidas com a Instituição e com a Pátria.

Concluo desta maneira, que a Arte da Guerra não foi mais a mesma após 1º de setembro de 1939 e que somos frutos dos sucessos e da influência dos feitos do trabalho de Guderian e suas Divisões Panzer e da Blitzkrieg.

O estudo da História Militar nos permite entender tudo isso e nos abre um horizonte novo e ainda não trabalhado em nosso País para discutir, escrever e entende-la é uma arma importante para que as nossas Forças Armadas possam compreender através dos feitos passados de nossos ancestrais, a necessidade de se analisar o passado da arte da guerra e aprender com as lições do passado, munidos dos meios tecnológicos dos dias de hoje formar Forças Armadas cada vez mais profissionais, equipadas e adestradas para fazer o que sempre fizemos: Lutar pela nossa Nação sermos os bastiões da soberania Brasileira.

## REFERÊNCIAS

- Barnett, Correlli org. **Os Generais de Hitler. Rio de Janeiro.** Jorge Zahar Editor 1999.
- Estado-Maior do Exército. **C 100-5 Operações**  
\_\_\_\_\_. **C 2-1 Emprego da Cavalaria.**
- Guderian, Heinz, **.Achtung, Panzer!** . Rio de Janeiro. BIBLIEX 2009.
- House, Jonathan M. **Combinação das Armas. A guerra do Século XX.** Rio de Janeiro. BIBLIEX 2008.
- Holmes Richard, Plimlott John, org. **Atlas Hutchinson de Planos de Batalhas.** Rio de Janeiro. BIBLIEX 2008.
- Hobsbawn, Eric. **Era dos Extremos, o Breve século XX, 1914 a 1991.** São Paulo. Companhia das Letras 1995.
- Keegan John. **A batalha e a História.** Rio de Janeiro. BIBLIEX 2006.  
\_\_\_\_\_. **Uma História da Guerra.** São Paulo. Cia das Letras 1995.
- Lanning, Michael Lee. **Chefes, Líderes e Pensadores Militares.** Rio de Janeiro, BIBLIEX 2000.
- Liddel Hart, Basil: **As grandes guerras da História.** São Paulo. IBRASA 1999.  
\_\_\_\_\_. **: O outro lado da colina.** Rio de Janeiro. BIBLIEX 1992.
- Major Von Zeska. **O Exército Alemão.** Rio de Janeiro, BIBLIEX 1942.
- Site Freewebs < <http://www.freewebs.com/militaryrevolution/>>, acessado em 20 de julho de 2010.